RAÍZES DO MACHISMO E A FORÇA DO FEMINISMO

Daniela dos Santos Soares[1]
Isabela Wachter Pompeo de Mattos[2]
Rafaella Krause Ferreira[3]
Cezar Augusto Herter Kiefer[4]
Rosana Souza de Vargas[5]

Instituição: Escola Técnica Estadual 25 de Julho.

Modalidade: Relato de Pesquisa.

Eixo Temático: Ciências Humanas e suas Tecnologias

1. Introdução:

Desde os primeiros arranjos sociais, o machismo estabeleceu a superioridade masculina e inferiorizou o papel das mulheres. Ao longo da história, o patriarcado (AGUIAR, 2000) contribuiu para a manutenção dessa desigualdade, limitando a participação feminina em diferentes espaços sociais.

Mesmo no século XXI, o machismo permanece presente e pode manifestar-se por meio da violência contra a mulher. Nesse contexto, este trabalho busca compreender por que o feminismo ainda gera resistência, inclusive entre mulheres, e qual sua relação com a persistência do machismo e da violência de gênero.

Uma das hipóteses é que muitas pessoas possuem uma visão equivocada do feminismo, entendendo-o como uma tentativa de estabelecer a superioridade feminina. Na realidade, o movimento busca igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres. A desinformação e a representação estereotipada do feminismo contribuem para o preconceito e dificultam sua compreensão.

O trabalho também busca compreender os elevados índices de feminicídio no Brasil e sua relação com o machismo, além de analisar a opinião da sociedade sobre o tema. Pretende-se contribuir para a conscientização sobre violência contra a mulher, desigualdade de gênero e importância do combate ao machismo, promovendo respeito, igualdade e justiça.

[1]Estudante 3º ano da Escola Técnica 25 de Julho: Daniela dos Santos Soares
daniela-6760032@estudante.rs.gov.br
[2]Estudante 3º ano da Escola Técnica 25 de Julho: Isabela Wachter Pompeo de Mattos
isabela-6760038@estudante.rs.gov.br
[3]Estudante 3º ano da Escola Técnica 25 de Julho: Rafaella Krause Ferreira
rafaella-6747248@estudante.rs.gov.br
[4]Estudante 3º ano da Escola Técnica 25 de Julho: Cezar Augusto Herter Kiefer
cezar-ahkiefer@estudante.rs.gov.br
[5] Professora orientadora da Pesquisa Científica, disciplina de Língua Portuguesa na Escola Técnica 25 de Julho.
E-mail: rosanasdvargas@gmail.com

2. Procedimentos Metodológicos:

A pesquisa possui abordagem quali-quantitativa, pois busca analisar tanto os dados quantitativos obtidos por meio das respostas fechadas do questionário quanto às percepções e opiniões apresentadas pelos participantes nas questões abertas. Pois busca analisar, por meio de questionário, a percepção da sociedade sobre feminismo, machismo e violência contra a mulher (PRODANOV E FREITAS, 2013). Possui natureza aplicada, pois pretende compreender essas opiniões e contribuir para a conscientização social.

Foram utilizados procedimentos de pesquisa bibliográfica, com artigos, livros, revistas e sites confiáveis, e pesquisa de campo por meio de questionário no Google Forms para coleta das opiniões dos participantes.

O produto final é um folder informativo sobre feminismo, igualdade de gênero, machismo estrutural e violência contra a mulher. O material apresenta dados sobre feminicídio, causas e consequências da violência, além de informações sobre prevenção, denúncia e canais de apoio às vítimas e será apresentado no dia do evento da MoEduCiTec.

3. Resultados e Discussões

3.1 ORIGEM DO FEMINISMO

O movimento sufragista foi um marco na luta pela igualdade, conquistando o direito das mulheres ao voto e impulsionando novas reivindicações, como educação, trabalho e direitos civis (PINTO, 2010).

A segunda onda, iniciada na década de 1960, ampliou as discussões para sexualidade, direitos reprodutivos, trabalho e violência. A terceira onda valorizou a diversidade e a interseccionalidade, enquanto a quarta, iniciada por volta de 2012, destacou o uso das redes sociais para mobilização e denúncias, como o movimento #MeToo (PEREZ; RICOLDI, 2023).

3.2 RESISTÊNCIA AO FEMINISMO

A resistência ao feminismo está relacionada a estereótipos, desinformação e à ideia equivocada de que o movimento busca a superioridade feminina. Na realidade, o feminismo defende igualdade de direitos e oportunidades (DUARTE, 2003; ZIMBERG, 2018).

A internet pode ampliar tanto a conscientização quanto os discursos antifeministas e a desinformação. Além disso, a desigualdade continua sendo reproduzida em situações como divisão desigual das tarefas domésticas, padrões de comportamento e diferenças profissionais (CORRÊA, 2018; MISKOLCI; CAMPANA, 2017; ORTNER, 1979).

3.3 FEMINICÍDIO NO BRASIL

O feminicídio é o assassinato de uma mulher relacionado à sua condição de gênero e foi tipificado no Brasil pela Lei nº 13.104/2015 e, posteriormente, passou a ser considerado crime autônomo com a Lei nº 14.994/2024. (MINISTÉRIO PÚBLICO DO PARANÁ, 2020). Em 2023, foram registrados cerca de 1.463 casos, demonstrando a permanência da violência de gênero. (BUENO et al., 2024)

A violência contra a mulher também inclui agressões físicas, psicológicas e sexuais, assédio e outras formas de violência. Seu enfrentamento exige prevenção, políticas públicas, proteção e apoio às vítimas (BUENO et al., 2024)

3.4 PERSISTÊNCIA DO MACHISMO

O machismo possui raízes históricas na estrutura patriarcal e ainda aparece em comportamentos cotidianos, como desvalorização das mulheres, divisão desigual das tarefas domésticas, estereótipos e desigualdade no mercado de trabalho (LIMA; BRUTTI, 2018). Família, escola, trabalho e mídia podem reproduzir esses padrões, tornando necessário promover mudanças culturais e educacionais.

3.5 COMBATE AO MACHISMO E À VIOLÊNCIA

A violência contra a mulher está relacionada às desigualdades históricas de poder entre homens e mulheres (SAFFIOTI, 2004). A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) e a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/2015) representam avanços importantes na proteção das mulheres (BRASIL, 2006; BRASIL, 2015).

Entretanto, as leis precisam ser acompanhadas de educação, prevenção, conscientização, atendimento às vítimas e políticas públicas efetivas (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2025).

3.6 CONSCIENTIZAÇÃO E IGUALDADE DE GÊNERO

A igualdade de gênero é um direito humano e integra o ODS 5 da ONU. No Brasil, ainda existem desigualdades no trabalho e na divisão das tarefas domésticas: mulheres participam menos da força de trabalho, recebem menos e dedicam mais tempo ao trabalho doméstico não remunerado (ONU MULHERES BRASIL, [s.d.]).

A educação, a informação e o diálogo são fundamentais para combater preconceitos, desinformação e estereótipos e promover a igualdade (ONU MULHERES BRASIL, [s.d.]).

3.7 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa contou com 154 participantes. Sobre a presença do machismo, 147 responderam “Sim” e 7 “Não”. Sobre a importância de discutir feminismo, 151 responderam “Sim” e 3 “Não”.

Quanto à existência de uma visão equivocada sobre o feminismo, 151 responderam “Sim” e 3 “Não”. Sobre a relação entre machismo e violência contra a mulher, 142 responderam “Sim” e 12 “Não”.

Nas questões abertas, os participantes apontaram principalmente desinformação, machismo estrutural e dificuldade de aceitar mudanças como causas da resistência ao feminismo. Para reduzir a violência e a desigualdade, destacaram educação, conscientização, políticas públicas, apoio às vítimas e participação das famílias e escolas.

Os resultados mostram que a maioria reconhece a presença do machismo, considera importante discutir o feminismo e percebe sua relação com a violência contra a mulher.

3.8 PRODUTO

O produto final será um folder informativo sobre feminismo, igualdade de gênero, machismo e violência contra a mulher. Apresentará a história do feminismo, suas conquistas, dados sobre feminicídio, informações sobre a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio, além de formas de prevenção e denúncia. Será apresentado no dia do evento.

4. Conclusão

O trabalho permitiu compreender o feminismo como um movimento histórico de luta pela igualdade de direitos, liberdade e participação das mulheres. Suas diferentes fases contribuíram para avanços na educação, no trabalho, nos direitos civis, nos direitos reprodutivos e no combate à violência.

Apesar dessas conquistas, o machismo e a desigualdade de gênero ainda permanecem na sociedade, manifestando-se por meio de estereótipos, divisão desigual das tarefas, diferenças de oportunidades e violência. A falta de conhecimento também contribui para a resistência ao feminismo, muitas vezes apresentado de forma equivocada como busca pela superioridade feminina. As redes sociais podem contribuir tanto para a conscientização quanto para a disseminação de discursos antifeministas e desinformação (ZIMBERG, 2018).

As leis Maria da Penha e do Feminicídio representam importantes avanços, mas o combate à violência exige também prevenção, educação, conscientização e políticas públicas. A pesquisa com 154 participantes reforçou essas questões, mostrando que a maioria reconhece a presença do machismo, considera importante discutir o feminismo e relaciona o machismo à violência contra a mulher.

Conclui-se que o feminismo continua necessário para garantir igualdade, liberdade, segurança e dignidade. O combate ao machismo depende da participação do Estado, das escolas, das famílias, dos meios de comunicação e da sociedade, com educação, informação de qualidade, aplicação das leis e valorização dos direitos humanos.

5. Referências

AGUIAR, Neuma. **Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. Sociedade e Estado**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 303-330, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/cRnvYmPTgc59jggw7kV5F4d/?lang=pt Acesso em: 28 ago. 2026.

BRASIL. **Por que as mulheres não denunciam seus agressores.** Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/artigos/por-que-as-mulheres-nao-denunciam-seus-agressores-com-a-palavra-a-sociedade/121813993. Acesso em: 21 mar. 2026.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Publicações sobre violência e segurança.** Disponível em: https://publicacoes.forumseguranca.org.br/collections/a7187d04-5bd0-431b-9b86-1737eb3eb6c4/search. Acesso em: 21 mar. 2026.

LIMA, Jaíne Pereira; BRUTTI, Tiago Anderson. **Os movimentos feministas e a conquista dos direitos das mulheres.** In: SOUTO, Raquel Buzatti et al. (org.). Anais da II Mostra Científica do GPJur. Cruz Alta: Universidade de Cruz Alta, 2018. p. 83-92. Acesso em: 24 mar. 2026.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao Acesso em: 28 ago. 2026.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, **história e poder. Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?lang=pt Acesso em: 15 maio 2026.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil.** Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, set./dez. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/. Acesso em: 2 jul. 2026.

ONU MULHERES BRASIL. **Empoderamento econômico das mulheres.** Brasília: ONU Mulheres Brasil, [s.d.]. Disponível em: https://brasil.unwomen.org/pt-br/areas-de-atuacao/empoderamento-economico. Acesso em: 25 jul. 2026.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO PARANÁ. **Crime é crime: não existe diferença. Será? Quando um caso de feminicídio é noticiado...** Facebook, 11 mar. 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/MPParana/posts/crime-%C3%A9-crime-n%C3%A3o-existe-diferen%C3%A7a-ser%C3%A1-quando-um-caso-de-feminic%C3%ADdio-%C3%A9-noticiad/2989971931071906/. Acesso em: 6 ago. 2026.

PEREZ, Olivia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. **A quarta onda feminista no Brasil.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 31, n. 3, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/3D7wfT8QmwRfJMv38PrG4tN/?lang=pt. Acesso em: 15 maio 2026.

MENEGHEL, Stela Nazareth et al. **Feminicídios: conceitos, tipos e cenários. Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 3077-3086, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/SxDFyB4bPnxQGpJBnq93Lhn/?lang=pt. Acesso em: 15 maio 2026.

BUENO, Samira et al. Feminicídios em 2023. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/fbsp/244. Acesso em: 15 maio 2026.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. 151 p. Disponível em: https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2021/10/17-genero_web.pdf. Acesso em: 18 maio 2026.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. **"Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-747, set./dez. 2017. DOI: 10.1590/s0102-69922017.3203008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/?format=html&lang=pt&ilang=pt_BR Acesso em: 28 jul. 2026.

ZIMBERG, Gabriela. **O antifeminismo: mapeamento dos discursos antagonistas do movimento feminista na internet.** 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: Repositório da PUC-SP. Acesso em: 8 ago. 2026.

CORRÊA, Sonia. **A "política do gênero": um comentário genealógico.** Cadernos Pagu, Campinas, n. 53, e185301, 2018. DOI: 10.1590/18094449201800530001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/vwdzHh6pHS6ZBVskqfLrqrg/?lang=pt. Acesso em: 13 ago. 2026.

ORTNER, Sherry B. **Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?** In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (org.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19074/3/ORTNER%2C%20Sherry-Est%C3%A1%20a%20mulher-para-o-homem-assim-como-a-natureza-para-a-cultura.pdf Acesso em: 28 jul. 2026.